

O BRANCO, O ÍNDIO E O CONFLITO NA OBRA DE BERNARDO ÉLIS

Joel Orlando MARIN*

“Nós, brasileiros, amamos nossos indígenas com o mesmo ardor com que os odiamos: a tragédia pessoal de Iracema ou Diacuí nos comove sinceramente, mas ficamos indiferentes ao extermínio de nações inteiras, como acontece a todo instante” (B. Élis, 1987, p. 94; Vol.4)

RESUMO: O conto “Ontem, Como Hoje, Como Amanhã, Como Depois”, do escritor goiano Bernardo Élis, é ponto de partida para a análise das relações conflituosas entre brancos e índios, na região de mineração de Goiás. Combinando elementos internos propostos na obra literária com elementos do contexto histórico-social, o artigo procura compreender as diferentes racionalidades e subjetividades das personagens e a imposição do modo de vida dos brancos que se autodenominavam “civilizados” sobre os indígenas, considerados selvagens e aquém do humano.

PALAVRAS-CHAVE: Bernardo Élis; literatura; índios; brancos; conflitos inter-étnicos.

Introdução

O escritor Bernardo Élis nasceu em Corumbá de Goiás, em 1915 e morreu em 1997. Foi o primeiro escritor goiano a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e durante sua vida publicou diversos livros: “Primeira Chuva” (poesias), “Ermos e Gerais” (contos), “Caminhos

* Professor da Universidade Federal de Goiás, Doutorando em Sociologia pelo programa de Pós-Graduação pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 14800-901, Araraquara.

e Descaminhos” (contos), “Veranico de Janeiro” (contos), “O Tronco” (romance), “A Terra e as Carabinas” (romance), “Chegou o Governador” (romance), “Apenas um Violão” (novela), “Jeca Jica-Jica Jeca” (crônicas), além de diversos contos esparsos, ensaios e estudos. O autor busca, na realidade do povo goiano, em sua história e lendas, formas de se expressar e, nas paisagens do cerrado, a fonte de inspiração para sua criação literária, sendo considerado um escritor regionalista e neo-realista. Sua produção despertou atenção de literatos e pesquisadores por sua capacidade de criar/recriar situações de verdades sociais impressionantes, numa linguagem originalíssima.¹

As personagens preferidas de Bernardo Élis são os pobres, os injustiçados da sociedade e a realidade inumana em que estão inseridos. Em “A Enxada”, o autor nos conta a saga do negro Piano, camponês escravizado por dívida contraída com um poderoso fazendeiro. Para pagá-la, Piano deve plantar uma roça de arroz nas terras do coronel, mas para isso precisa tomar emprestado uma enxada e parte numa busca desesperada, sempre sob uma ameaça de morte. Fracassadas todas as tentativas de obter o empréstimo, numa atitude extrema, o pobre lavrador faz de um pedaço de madeira o seu instrumento de trabalho: “o camarada tacava os cotos sangrentos de mão na terra, fazia um buraco com um pedaço de pau, depunha dentro algumas sementes de arroz, tapava logo com os pés e principiava nova cova.(...) E com fúria agora tafulhava o toco de mão no chão molhado, desimportando de rasgar as carnes e partir os ossos do punho, o taco de graveto virando bagaço”. Nem mesmo assim pode contar com a clemência do coronel. No conto “André Louco”, o escritor mostra a triste sina de André que, por preconceito e ignorância de sua família, do Estado, da Igreja e da sociedade, no tratamento de seus problemas mentais, o condenam a uma morte cotidiana, lenta, solitária, estúpida e cruel. Ou ainda, em “A Virgem Santíssima do Quarto da Joana”, o autor conta o triste enredo de Joana, menina órfão que desde pequena trabalha na casa de um grande fazendeiro e, assim que

¹ Para estudo mais aprofundado da vida, obra e estilo de Bernardo Élis recomenda-se os trabalhos de: Nelly Alves Almeida (1968), Gilberto Mendonça Teles (1967, 1964), Ercília Macedo (1968), Emilio Vieira (1998), a “Apresentação” e “O testemunho literário de Ermos e Gerais”, escritos, respectivamente, por Evanildo Bechara e Gilberto Mendonça Teles e, a “Apresentação” de Kleber Adorno na “Coleção Alma de Goiás” (1987).

adquire os contornos femininos, é desejada tanto pelo coronel quanto pelo seu filho. Ficando grávida do último, o velho coronel e sua esposa obrigam a menina casar-se com o coveiro, figura horrenda que amedronta a todos pelo estranho hábito, a ele atribuído, de comer carne de crianças mortas. Mergulhada numa profunda tristeza e não tendo quem por ela intercedesse, Joana chora, reza, confia e pede socorro à Nossa Senhora pendurada num quadro da parede de seu humilde quarto, a quem acredita tudo ver e tudo saber. Em “Caminhão de Arroz”, a personagem principal do conto é um roceira que chega à cidade montada na carroceria de um veículo carregado de arroz. Confundida com uma saca, desajeitadamente ela desce e solicita informações às pessoas desconhecidas sobre sua irmã bonita, rica, que é meretriz e não a vê há anos. Na busca infrutífera, sobram as gozações, o desprezo dos outros e a tristeza de não se reconhecer na sua própria imagem refletida num grande espelho. Élis retrata a história trágico-cômica de uma família de moradores ribeirinhos no conto “Nhola dos Anjos e Cheia do Corumbá”. Após uma grande enxurrada, eles vêm seu ranchinho de palha desabar e, para salvarem-se, sobem numa pequena embarcação. Tragada pela correnteza do rio, a canoa ameaça submergir, rumando em direção a uma grande cachoeira. Numa atitude dramática e desesperada, o filho de Nhola decide quem permanecerá sobre a mísera canoa e quem será jogado rio abaixo. No “O Tronco”, seus personagens são “os humildes vaqueiros, jagunços, soldados, homens, mulheres e meninos sertanejos mortos nas lutas dos coronéis e que não tiveram sequer sepultura”, a quem dedicou o romance. Enfim, há um elenco de personagens envoltas em situações que nos fazem rir, chorar e pensar, ao mesmo tempo em que nos deleitam.

Bernardo Élis conta os dramas humanos dos párias da sociedade, daqueles que os potentados tanto exploram, desprezam e desumanizam. Retratando falas, silêncios e sentimentos dos que não têm nem voz e nem vez em nossa sociedade, o escritor resgata a humanidade dessas personagens esquecidas e nos convida a uma reflexão. Isto é o que se propõe a realizar neste artigo. Para isso, foi selecionado o conto “Ontem, Como Hoje, Como Amanhã, Como Depois”, que trata das relações conflituosas entre o branco e o índio.

Considerando que o estudo da produção literária pode ser um

caminho fértil para se compreender problemas da sociedade brasileira, utilizei a proposta metodológica elaborada por Antonio Candido. Esse intelectual afirma que o entendimento da integridade de determinada obra literária requer a fusão do texto (fatores internos da obra) com o contexto (fatores externos que compõem o social), numa interpretação dialética, sem que haja a sobrevalorização de um dos fatores em detrimento do outro. Assim, “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (Candido, 1973, p.4).

A obra é concebida como um organismo que, no seu estudo, possibilita a compreensão de sua singularidade e autonomia, considerando o jogo de fatores internos e externos que a condicionam e motivam. Na perspectiva de Antonio Candido,

“quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costume, traços grupais, idéias), que sirva de veículo para conduzir a corrente criadora; ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte”. (Candido, 1973, p.5)

“Ontem, Como Hoje, Como Amanhã, Como Depois” foi publicado em 1965, no livro “Caminhos e Descaminhos”. Essa obra recebeu em 1967 o Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras que, juntamente com o Prêmio José Lins do Rego de 1964, pelo livro de contos “Veranico de Janeiro”, conferiu ao escritor verdadeira consagração nacional. Escritores como Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Alceu Amoroso Lima, Guimarães Rosa, entre outros, manifestaram profunda admiração pela produção literária de Bernardo

Élis. Guimarães Rosa assim se expressou: “deliciei-me com ‘Caminhos e Descaminhos’. Formidável aquele conto ‘Ontem, Como hoje, Como Amanhã, Como Depois’, dos índios, da indiazinha com a veadinha. Ninguém, em país algum, nenhum tempo, parte alguma, escreveu coisa melhor!”² Sabe-se também que o conto foi traduzido para o inglês, sob o título “Past, present, future” na revista “Short Stories International”, dedicada aos grandes escritores contemporâneos. Esse conto foi adaptado ao cinema pelo diretor Fábio Barreto, sob o título “Índia - a filha do sol”, o qual recebeu prêmios num festival de cinema de Cuba.

A Relação Conflituosa Entre o Branco e o Índio

A história do conto se passa no sertão goiano e, como o próprio título sugere, as relações em que as personagens estão envolvidas ocorrem no passado, se reproduzem no presente e se repetirão no futuro. Para fins desta análise, reportar-se-á ao passado, quando os bandeirantes chegaram às terras de Goiás na esperança de encontrar o mito do eldorado, terra de muito ouro, riqueza e fartura. Era necessário, porém, vencer os obstáculos reais e imaginários para conquistá-lo.

O eldorado poderia ser encontrado nas terras longínquas do sertão. Bastaria adentrar florestas, rios e campos, enfrentar os animais ferozes e “civilizar” os índios, ou “gentio” como eram genericamente denominados. O sertão é um espaço de mistério, do desconhecido; uma terra que poderia reservar a riqueza abundante ou, quem sabe, a doença, a fome e a morte. Seria verdade que no sertão existem peixes que comem gente? Índios canibais? Negros D’água, Iaras e Cobra Grande? Animais imensos e ferozes? Seria verdade ou imaginação de alguém? O que seria melhor: enfrentar todos esses seres cuja existência nunca se comprovou ou continuar na mesmice? As dúvidas e os medos eram tão imensos quanto o sertão. Mas a quase certeza de encontrar as inesgotáveis minas de ouro impelia os bandeirantes a adentrar o sertão, deixando para trás a estagnação e a pobreza.

². Referindo-se ao conto, Guimarães Rosa confundiu a espacialidade com a temporalidade sugerida, escrevendo “Aqui, ali e acolá” ao invés de “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”.

No imaginário do bandeirante, o sertão era terra de assombros, misto de paraíso terreno e purgatório. A natureza transpirava encantamentos e mistérios. Céu, nuvens, serras, horizonte, fogo, rios, peixes, cobras, borboletas, vagalumes, mosquitos e matas com seus cipós, troncos, bromélias, samambaias e coqueiros entrelaçavam-se num movimento contraditório de harmonia e desordem, de encantamento e assombro, de paraíso e mau caminho.

O sertão era também o ermo. Apenas a natureza emitia sons e ruídos. Somente rios, animais silvestres, peixes, insetos e vento movimentavam-se. Tudo era tão parado que se tornava incomodativo. “Rio sempre igual, céu sempre igual, dias sempre iguais, algumas dúzias de casas de palhas sempre iguais refletindo-se nas águas esverdeadas do porto”. O tempo era “visível e palpável como a terra e o mato”.

Aos olhos do bandeirante recém-chegado, o cenário sertanejo necessitava de uma nova ordem que imprimisse os parâmetros civilizatórios ocidentais. Urgia a construção de povoados, vilas e a extração das sonhadas riquezas das superfícies e profundezas das terras e rios. Conquistar novos espaços territoriais e transformar a paisagem natural são missões de homens corajosos, imbuídos do desejo de enriquecimento: “dinheiro é no Pium, home de Deus! Cristal anda valendo o olho da cara, com as catas dando cada calhau do tamanho de um boi, com o dinheiro surgindo como por encanto!”

Nesse cenário dúbio e misterioso, o índio aparece como um “outro” componente. Estranho, raro, singular que não tem o estatuto humano: está aquém do humano. A nudez, as maneiras de caminhar, falar, comer, ornamentar-se, tudo parecia muito exótico aos olhos do desbravador: “vez por outra, apareciam tapuios: dois, quatro, dez, um atrás do outro no passinho ligeiro, onde pisava um, pisavam os demais, emitindo uns monossílabos rápidos e ásperos, as mulheres com os curumins enganchados na cintura grossa, tortas - tortas por outro lado da criança”.

Para o bandeirante, a forma de vida indígena é marcada pelo passado, pela tradição, pela repetição de atos daqueles que antecedem. Daí que: “um atrás do outro, onde pisava um, pisavam os demais”. Nada

evolui e nada se transforma. Tudo permanece como era. Não trabalham e não têm ambições de enriquecer.

O índio é também “um bicho danado de esquisito, imprestável, vingativo e cruel”. Para “lhe meter um borduna na cabeça era a coisa mais simples do mundo”. O que fazer para torná-lo útil na conquista do eldorado? Domesticá-lo, amedrontá-lo, persuadi-lo, catequizá-lo e dar-lhe quinquilharias seriam as melhores estratégias para conquistar sua confiança e, desta forma, tornar-se-ia produtivo nas descobertas das minas de metais preciosos. Ademais, o elemento indígena era ocioso. Era necessário dar-lhe trabalho nesta vida para que se tornasse produtivo, educado e disciplinado. Somente com trabalho, muito trabalho, a condição de alguém do humano poderia ser rompida e talvez se aproximasse do homem civilizado, porém, jamais se igualaria. Mais que torná-lo trabalhador, era preciso que se catequizasse, afastando-o dos vícios, dos pecados e dos rituais demoníacos. Catequese, disciplina, trabalho, ameaças e castigos aparecem como facetas de uma educação impregnadas de gosto de sangue.

Com esse projeto e neste ambiente é que o cabo Sulivero, personagem central do conto, chega aos sertões ocupado apenas pelo “gentio”. Sulivero chega só; mas qual mulher branca se adaptaria a um lugar tão longínquo e adverso como o sertão? Melhor mesmo era arranjar uma tapuia para cozinhar, lavar suas roupas, cuidar de seus pertences e, além disso, ela não exigiria roupa, comida boa, calçado, cama e casa. Outro motivo era a necessidade de companhia de uma mulher para as noites longas e solitárias do sertão.

Sulivero acabou por conhecer a índia-menina Put-Koe, esposa do sol, a qual despertou uma forte atração sexual no bandeirante. Assim que a viu, “pelo semblante do cabo passou um mito de concupiscência e seus olhos de normal e opacos e sonsos relampearam lasciva. Foi como se revolvesse o fundo de um poço tranqüilo”. Mas a pequena índia tinha um preço. Em troca, o minerador deveria pagar semanalmente uma garrafa de cachaça a Man-Pok, pai de Put-Koe. Isto é, as conversas e entendimentos são de homem para homem, sem que a indiazinha tivesse uma participação ativa nas negociações. Ela apenas escuta e aceita sem reclamar.

Sulivero e Put-Koe, acompanhada de sua veadinha de estimação, partem em busca das minas de ouro. Lá o ouro não é tão abundante, difícil de ser extraído e a pasmaceira domina o ambiente e o cotidiano do casal. Para passar o tempo, Sulivero ensina a índiazinha a lhe fazer continência. Tarefa nada fácil porque “trem burro” custa a aprender qualquer coisa. Ao chegar ou sair do rancho, o cabo exigia que ela prestasse as continências., Por mais que a índiazinha se esforçasse para empertigar o corpo, para o cabo o movimento era, às vezes, engraçado, às vezes, irritante. Mas esse não era o único problema. A menina não sabia cozinhar do jeito que Sulivero gostaria, não sabia usar panelas e nem usava sal. Não sabia lavar roupas, não conversava a mesma língua, não cantava, mas também não reclamava de nada.

Várias vezes o cabo Sulivero pensou em devolver a índia a seu pai, o qual não aceitou a proposta com receio de perder a sua ração semanal de cachaça. A índia permaneceu entre Sulivero, que a rejeitava e a maltratava imensamente, e seu pai, que, para não perder a cachaça - ou por outras razões - não a aceitava de volta. Além disso, o velho índio, pai de Put-Koe, repetia seguidamente princípios católicos: “cristão casô, não pode largá mué dele não. Tuda vida”.

Como não era nada fácil encontrar e extrair o ouro, a fome foi se instalando. Certo dia, para saciar a fome, o cabo matou a veadinha de estimação de Put-Koe. Esta ficou muito brava, protestou em sua “língua perra” palavras incompreensíveis que de nada adiantaram. Sulivero ainda dizia que ela o ajudou a comer e, desprezando a existência de qualquer tipo de sentimento, argumentava: “Tapuia tem esse negócio de amor o que! É tal e qual bicho do mato!”

A índia passou a ser vista não mais como um auxílio na realização do sonho de Sulivero de tornar-se rico, mas uma “tranca”, isto é, um estorvo, uma inútil. Nos primeiros tempos, a índia despertava uma forte atração sexual no bandeirante e, por isso, ele a suportava. Mas com o passar dos anos a silhueta da índia não era mais a mesma e as doenças venéreas, adquiridas nos garimpos, infectaram os corpos de ambos.

Devolver a mulher ao seu pai era impossível, pois o velho índio não a aceitava de volta. Ao mesmo tempo, tornava-se custoso para o

minerador manter as beberagens do velho tapuia. A monotonia, a tristeza, o sentimento de fracasso e a rejeição à índia aumentavam. Mas a reação dela frente aos problemas era diferenciada: “de lá, Put-Koe continuava com o mesmo riso, mesmo semblante calmo e inocente, o rostinho ingênuo e voltado para o chão. Ar parado de estampa”.

Para Sulivero, não havia um projeto de construir uma vida estável ao lado da índia. Até mesmo porque ela não era considerada uma verdadeira mulher. Em São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, locais aos quais o pensamento do bandeirante se reportava constantemente, é que existiriam mulheres de verdade: louras, alegres e carinhosas. Os próprios índios pareciam saber da existência de diferenças entre as mulheres brancas e as índias. Após as várias expulsões, a índia retornou vestida e maquiada, tentando assemelhar-se às brancas:

“estava vestida com um vestido de chitinha colorida, os pés metidos em chinelas novas, pulseiras de contas nos braços, colar de miçangas no pescoço, e rosto lambuzado de tinta vermelha, que um suor grosso ia dissolvendo, deixando na pele um traço escuro.

– Kuproré impeiti - resmungou Man-Pok na sua língua, que queria dizer: moça belíssima. A seguir, falou em português:

– Fio meu munto bunita, igual a moça cristã”.

Certo dia, para quebrar a mesmice de sempre, o cabo solicitou à índia que lhe fizesse uma continência. Num esforço sobre-humano ela ensaia o gesto e estampa um grande sorriso, rapidamente congelado com um revólver na face. Apenas o estampido quebrou a monotonia do ermo sertanejo. Quem ouviu e presenciou o fato, ignorou. Que diferença faria? Afinal, era apenas uma índia assassinada. Somente uma a mais!

O conto de Bernardo Élis é um grito de protesto contra o genocídio dos povos ameríndios. Na narrativa, quem pensa, reflete e expressa suas idéias e sentimentos é o colonizador, representado na personagem do cabo Sulivero. Ele é que tem um projeto de vida, expresso

numa ideologia e em estratégias colonizadoras, referenciais de um processo civilizatório a ser imposto sobre os colonizados. O branco colonizador é portador de uma racionalidade e subjetividade hegemônicas da modernidade em construção, que estava afinada com a acumulação primitiva do capital, via comércio internacional de especiarias e metais preciosos. Ocupar os “espaços territoriais vazios” e extrair a riqueza que transforma a vida dos homens que dela se apropriavam eram metas a serem atingidas.

O colonizador é portador de uma “lei”, de um “discurso jurídico” que dá suporte a uma linguagem abstrata que descontextualiza e nega a subjetividade do “outro”, ao mesmo tempo em que difunde princípios e critérios pretensamente universais. Por estar apoiada em poderes simbólicos, essa ordem de dominação abstrata torna-se mais insidiosa e menos contestável, configurando-se numa poderosa estratégia de imposição da lógica do colonizador sobre o colonizado.

A continência militar, ato que o cabo Sulivero exigia que a índia Put-Koe repetisse seguidamente, representa a imposição de novos códigos, símbolos que definem a posição de superioridade do colonizador sobre a índia. A continência significa reverência, respeito e resignação do inferior em face do superior, definindo os espaços de cada um na escala hierárquica.

Mais do que impor padrões comportamentais e delimitar posições sociais, a continência representa a tentativa do colonizador de moldar o corpo da índia. Mãos e braços, pés e pernas, tórax e abdômen, cabeça e expressões faciais da índia deveriam ser treinadas para executar com habilidade as exigências e determinações do bandeirante. A expressão corporal natural do indígena, bem como o uso que ele faz do corpo, causam estranheza. Por isso, o corpo deve ser treinado para novas gestualidades e novas habilidades, para que aprenda a trabalhar e torne-se produtivo, aproximando-se do superior. A continência representa a necessidade de se criar outros usos para o corpo, uma nova corporalidade para outras exigências. A perda dos braços não se realiza antes da perda do olhar e da palavra: corpo e espírito tornam-se colonizados. Já não tendo olhos para se ver, palavras para se dizer, sentimentos para se

expressar e braços para agir, os subjúgados adotam os olhares do outro, expressam-se com palavras e sentimentos do outro e agem com os braços para o outro.

O corpo indígena é ainda objeto do desejo do colonizador. Porém, esse corpo desejado é também infectado por doenças contagiosas, que debilitam o organismo e, como sabemos, causaram mortes e dizimaram tribos inteiras. Mais do que um movimento individual de um ou outro homem, a apropriação de índias e de seus filhos chegou a constituir programas de governo nos dois últimos séculos. Numa terra despovoada e com número elevado de homens solteiros, a mulher indígena tornou-se importante no povoamento da região. Quando apossada por homens não-índios, ela estaria gerando filhos mais “amansados” que, ao invés de impedir ou dificultar a ocupação territorial, tornar-se-iam aliados.

Para o colonizador, os únicos que têm capacidade de pensar e sentir fazem parte do mundo do branco. São eles que têm projetos de vida, ideologias e atitudes corretas. São os protagonistas da história, portadores de racionalidades e subjetividades superiores, as quais os índios e a natureza devem submeter-se inquestionavelmente. Tudo deve curvar-se aos interesses maiores da produção e da lógica da acumulação. Conseqüentemente, o grupo invadido já não pode mais reconhecer-se senão por meio das categorias impostas.

Na forma como as personagens são construídas e envolvidas na trama, Bernardo Élis nos sugere que quem sente, pensa e reflete sobre o mundo que o cerca é a personagem do cabo Sulvero. Mas a índia também tem suas idéias e sentimentos e os expressa de uma forma própria, diferenciada. Porém, na capacidade compreensiva do colonizador, tudo é destituído do menor significado e valor. O cabo Sulvero não admite a diferença cultural, só há uma cultura válida: a cultura ocidental-colonizadora.

Bernardo Élis retrata a índia como possuidora de sentimentos expressos, por exemplo, na profunda estima de Put-Koe para com sua veadinha e a sua revolta quando o cabo Sulvero a sacrificou para saciar sua fome. A índia possui também conhecimentos: tinha uma língua própria para se comunicar, sabia cozinhar à sua maneira, sabia retirar da natureza

aquilo de que necessitava para viver. Mas, aos olhos da personagem do cabo Sulivero, o índio é um “outro”, esquisito, aquém do humano, destituído de razões e sentimentos. Ele é considerado inferior e imprestável, adquirindo um estatuto próximo ao animal selvagem. Até poderia ser valorizado, caso se transformasse num trabalhador escravo, alienado de si mesmo e de seu trabalho, tal como uma mercadoria que pode ser comprada e vendida. Nessas relações sociais, a persuasão, a ameaça e a violência permeiam as regras do jogo, regadas por muita cachaça, lágrimas e sangue dos que caíram na desgraça da submissão.

Na medida em que o índio deixasse de ser produtivo ou não se curvasse aos desígnios do colonizador, poderia ser abatido tal qual fera selvagem ou simplesmente descartado como traste imprestável. O que interessava ao colonizador eram as possibilidades de retorno econômico concreto e objetivo. A relação estabelecida é de uso, enquanto convém, e de descarte, quando não há mais o que extrair. Tudo depende das conveniências!

Man-Pok é o índio que no conto aparece dialogando na língua do colonizador e já se diferencia dos demais índios: ele anda a maior parte do tempo só ou em companhia de sua filha e com o corpo coberto com andrajos, não mais nu. Enfim, um índio em vias de integrar-se/entregar-se ao mundo dominado pelas regras ditadas pelos brancos. Envolvido em relações de trocas extremamente desiguais, ele transforma a sua própria filha numa mercadoria e, em compensação, recebe cachaça. Nessas relações, está presente a construção do imaginário social que concebe o índio como um bicho-do-mato ou um objeto que pode tornar-se importante na lógica da produção. Em qualquer uma das condições, o índio permanece nas fronteiras da humanidade. Por isso, a personagem de Man-Pok aparece repetindo princípios católicos para assim resgatar a condição humana, afastando-se da classificação de animal selvagem. O branco considera a si mesmo civilizado e cristão, em oposição ao índio que é o bugre, o tapuia, o pagão, o não-civilizado. O batismo, isto é, tornar-se cristão, constituir-se-ia numa estratégia de resgate da humanidade do índio, ao mesmo tempo em que o protegeria das investidas violentas dos brancos.

Considerações Finais

Bernardo Élis é considerado um escritor regional, uma vez que seus temas são inspirados na realidade da região Centro-Oeste, mais especificamente de Goiás. No conto analisado, essa consideração deve ser relativizada, uma vez que o tema da violência das “culturas superiores” sobre as “culturas inferiores” e do extermínio dos povos indígenas aconteceram não só em Goiás, mas em todos os recantos deste país. Mais do que isso, a impossibilidade de sobrevivência dos povos autóctones frente à expansão da cultura ocidental, ocorreu nos continentes Latino-Americano, Norte-Americano, Asiático, Africano e na Oceania. A intolerância cultural dos “superiores” sobre os “primitivos” é um movimento transcontinental. Muito além de um conto regional, Bernardo Élis trata de relações sociais autoritárias e violentas que ocorrem em escala internacional, tão comuns no movimento de homogeneização cultural ocidental. Os que não se curvam e não se tornam úteis são esmagados, marginalizados ou simplesmente não têm nem mesmo o direito de viver.

O conto, como o próprio título nos indica, é a-temporal. As situações descritas podem ter ocorrido quando os portugueses-colonizadores chegaram no Brasil, quando ocuparam os sertões ou quando destruíram os povos das missões. Situações que tornaram a se repetir com a ocupação recente da Amazônia que resultam em chacinas como a que ocorreu na Tribo dos Yanomani ou na morte de índios por doenças infecto-contagiosas. Acontecem seguidamente nas lutas pela posse da terra no recente processo de ocupação territorial, especialmente nas regiões Norte e Centro-Oeste. Ocorrem também na Tribo dos Avá-canoeiro que preferiam abortar, comprimindo o ventre com faixas fortemente amarradas, a ter filhos sofrendo a violência e a marginalização. Acontece entre os jovens indígenas do Mato Grosso do Sul que, não tendo possibilidades de integrar-se na sociedade, preferem a morte e enforcam-se. Repetiu-se recentemente quando os Patachó da Bahia vieram para Brasília para protestar contra a negligência do governo e reivindicar a demarcação de suas terras invadidas por fazendeiros, e lá um de seus integrantes, o índio Galdino, foi incendiado inescrupulosamente por uma gangue de jovens de classe média.

Enfim, um triste e repetido enredo, marcado pela marginalização, violência, dor, lágrimas, sangue e morte dos mais fracos. Histórias que “Ontem, Como Hoje, Como Amanhã, Como Depois” aconteceram e acontecerão em diversas nações sem que a sociedade se indigne contra esse genocídio programado: uma violência permeada nas teias da relações sociais e que acabou por naturalizar-se. A genialidade de Bernardo Élis consiste exatamente em partir da perspectiva do colonizador e, aos poucos, mostrar que a sua práxis e sua ideologia não passam de uma tamanha irracionalidade, porque produtivista, desumanizadora, destrutiva, intolerante, violenta e incapaz de conviver com as diferenças.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, N. A. Estudo sobre quatro regionalistas goianos: Goiânia: Editora da UFG, 1979.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1973.
- CÂNDIDO, A. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.
- D’INCAO, M. A. *Sentimentos modernos e família*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- ÉLIS, B. *Coleção alma de Goiás- obra reunida de Bernardo Élis*. Vol.(I a V), Rio de Janeiro: José Olímpio, 1987.
- MACEDO. E. *Um contista goiano*. Goiânia: Gráfica Couto Magalhães, 1968.
- SCHUARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- TELES, G. M. *Goiás e literatura*. Goiânia: E.T.C., 1964.
- TELES, G.M. *O conto brasileiro em Goiás*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967.
- VIEIRA, E. *O expressionismo de Bernardo Élis e Siron Franco*. Goiânia: CEGRAF, 1998.